

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: NARRATI-
VAS GERACIONAIS ENTRE OS RIOS,
TERRAS E MATAS NA AMAZÔNIA

**HISTORIAS Y MEMORIAS: NARRATIVAS GENERA-
CIONALES ENTRE LOS RÍOS, TIERRAS Y BOSQUES
DE LA AMAZONÍA**

Gracy Kelly Monteiro Dutra

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: NARRATIVAS GERACIONAIS ENTRE OS RIOS, TERRAS E MATAS NA AMAZÔNIA

Gracy Kelly Monteiro Dutra⁶⁸

RESUMO

O texto discute sobre a condição humana na Amazônia estar imbricada à natureza e às simbologias inerentes, geradoras das dinâmicas culturais, do existir-humano entre as florestas, manifestada na produção da vida nas terras amazônicas. As narrativas de velhos e novos apresentam a interação entre o tempo - passado e o tempo - presente, onde as memórias relembram uma pujante floresta em contraste com a fragilidade ecológica do século XXI. O cenário atual apresenta uma terra em decadência e em riscos de extinção. O fogo e a poluição em demasia alteraram a condição de quem vive na e da Amazônia. O reconhecimento da vida humana nesse território complexo, envolve o modo de aprender, sentir e agir num espaço maculado por queimadas, desflorestamento e poluições. A discussão pretende entender os rumos promovidos pelo chamado desenvolvimento, que em centenas de anos vem promovendo um verdadeiro descontrole ambiental. Não somente este tipo de ação, mas outras tantas proporcionadas por atividades humanas. Para vislumbre desse cenário, os sujeitos investigados foram membros da família Xavier de Oliveira, família residente na região da Valéria, inserida no município de Parintins / AM. Essa família representa a construção de uma condição humana na Amazônia, edificando uma identidade, um existir - humano peculiar entre as florestas, um nascer e um viver que tem tanto as nuances do passado quanto as roupagens do presente.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias - Condição Humana - Amazônia

HISTORIAS Y MEMORIAS: NARRATIVAS GENERACIONALES ENTRE LOS RÍOS, TIERRAS Y BOSQUES DE LA AMAZONÍA

RESUMEN

El texto analiza la condición humana en la Amazonía estando entrelazada con la naturaleza y las simbologías inherentes, generadoras de dinámicas culturales, de la existencia humana en-

⁶⁸Assistente Social e Socióloga pela Universidade Federal do Amazonas. Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestra em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas. Especialista em Gestão Ambiental Participativa pela Faculdade Martha Falcão e em Educação para o Desenvolvimento Sustentável pela Universidade Federal do Amazonas. Professora Adjunta da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, Campus Parintins, na subárea Sociologia e Antropologia. Membro da Sociedade Brasileira de Sociologia. Pesquisadora dos Grupos de Pesquisa Núcleo de Investigação da Cultura e Educação no Baixo Amazonas - NICEBA / UEA e Rede de Estudo em Desenvolvimento do Território e Sustentabilidade Amazônica - REDESAM / UEA. gkmdutra@uea.edu.br

tre los bosques, manifestadas en la producción de vida en las tierras amazónicas. Las narrativas de lo antiguo y lo nuevo presentan la interacción entre el tiempo - pasado y el tiempo - presente, donde los recuerdos recuerdan un bosque próspero en contraste con la fragilidad ecológica del siglo XXI. El escenario actual presenta una tierra en decadencia y en riesgo de extinción. Los incendios y la contaminación excesiva han cambiado las condiciones de quienes viven en el Amazonas y sus alrededores. El reconocimiento de la vida humana en este complejo territorio pasa por la forma de aprender, sentir y actuar en un espacio marcado por los incendios, la deforestación y la contaminación. La discusión apunta a comprender los rumbos impulsados por el llamado desarrollo, que desde hace cientos de años promueve un verdadero descontrol ambiental. No sólo este tipo de acciones, sino muchas otras proporcionadas por las actividades humanas. Para vislumbrar este escenario, los sujetos investigados eran miembros de la familia Xavier de Oliveira, familia residente en la región de Valéria, ubicada en el municipio de Parintins/AM. Esta familia representa la construcción de una condición humana en la Amazonía, construyendo una identidad, una existencia humana peculiar entre los bosques, un nacimiento y una vida que tiene tanto los matices del pasado como las apariencias del presente.

PAVLABRAS CLAVE: Memorias - Condición humana - Amazonia.

INTRODUÇÃO

Gerações humanas, durante séculos, se constituíram no território amazônico, agrupados, entre imaginários sociais, em espaços florestais. Um cenário complexo que apresenta uma multiculturalidade que advém da ampla diversidade social e ecológica circundante. Nessa miríade construída por inúmeras mãos e mentes, o povo amazônico é plural, compreendido entre rios, terras e florestas distintas. São nessas circunstâncias múltiplas que famílias constroem suas histórias e memórias. As narrativas das pessoas da Amazônia expressam os desafios de uma condição humana distinta de outras regiões brasileiras, onde a memória é o elo entre o tempo - passado e o tempo - presente. E o recontar as histórias vividas, ou não, torna a produção de simbologias amazônicas perpétuas.

O recorte amazônico aqui exposto vem de um espaço florestal localizado no limite leste do município de Parintins, no Amazonas, na divisa com o Estado do Pará: a região da Valéria. Um lugar singular, com uma identidade única, que manifesta um existir - humano peculiar, onde nascer e viver tem tanto as nuances do passado quanto as roupagens do presente. As famílias ao interagirem neste imaginário social, construíram um elo rijo com a natureza, produzindo formas de existência inseparáveis ao território e, somente, entendidas neste local. Nesta condição de vida, há a elaboração de dinâmicas humanas densas em símbolos, signos e simbolismos, que compõem as práticas sociais, históricas e políticas de cada geração que, porventura, nasceu, cresceu e vive na Valéria. A família Xavier de Oliveira é uma destas famílias.

As narrativas de alguns membros da família Xavier de Oliveira, expressam as vertentes da dimensão humana e do imaginário social entre as florestas. Por intermédio dos velhos, Dona Izaura e Seu Manoel, conhecemos o tempo -

passado da Valéria. Eles são alfabetizados, cristãos protestantes, tiveram dezesseis filhos, todavia, somente seis filhos chegaram à idade adulta. O casal se reconhece como agricultores, apesar de, hoje, estarem aposentados e com restrições físicas ocasionadas pela idade, continuam ativos e cúmplices em pequenas atividades cotidianas neste lugar. O tempo-presente é expresso pelos entendimentos contemporâneos de duas filhas: Selma e Sara.

A imersão nas histórias e memórias dos velhos e novos da família Xavier de Oliveira, apresenta um mundo de valores, práticas e saberes que é tanto ancestral quanto moderno, um encontro de tempos que dão formas às gerações que lá vivem, na produção de uma existência única. É mediante todos os tipos de seres circundantes, que o ser humano amazônico se forma e se firma, social e culturalmente, entre as trilhas da mata ainda existentes no século XXI, apesar do célere processo de desflorestamento que há na Floresta Amazônica. É salutar destacar que habitar um ambiente tão complexo, de caráter global, se constrói uma peculiaridade identitária somente entendida quando mergulhamos na cultura local, desbravando as narrativas geracionais daqueles que dão sentido à vida na e da Amazônia, no ontem e no hoje, traduzidos e adaptados às demandas atuais.

Ao adentrar o espaço imaginativo das histórias e memórias da vida amazônica, existe a revelação de um ambiente cultural que é tanto material quanto imaterial. As narrativas expressadas não são oriundas de uma realidade neutra, nem são apáticas do tempo. Elas são o corpo e a mente das esferas da vida que a condição humana na floresta é elaborada, aprendida e produzida socialmente, pois, “atravessa as maneiras de viver, de fazer e de conhecer com a ‘coloração’ própria de uma sociedade determinada” (FISCHER, 1994, p. 55). A vida na floresta tem perspectivas sociais não compreendidas por quem vive em outros espaços sociais, por isso que, no encontro com as pessoas narradoras, compreendemos a ação e interação de grupos humanos entre as matas, terras e rios. Os rela-

tos mostram que o ser humano aprende a adaptar a sua rotina à realidade evidente, conforme o relato de Selma Xavier de Oliveira.

Foi entre a região da comunidade de Samaria e o lago da Valéria que eu me criei, foi lá que eu aprendi a nadar, fui lá que eu aprendi a correr com os meninos, subir na árvore, pegar fruta e sempre foi uma vida muito livre ali, sempre nós tivemos tudo ao nosso alcance... Tipo... De questões alimentares, sempre foi uma alimentação muito saudável, porque os nossos pais plantavam muito, então, nós aprendíamos a nadar muito tardiamente porque não tinha água, então, nós não tínhamos contato com o rio, sabe, então, a gente cresceu ali... Lembro que era o único poço pra comunidade toda que a gente pegava água, mas era água tratada, não tinha torneira nas casas e todo mundo vivia assim numa harmonia muito boa nessa comunidade (Selma Xavier de Oliveira, em 10 de dezembro de 2021).

Um dos espaços habitados na Valéria, a Samaria, foi o primeiro lar da família Xavier de Oliveira. As lembranças apresentam o desenrolar das situações sociais proeminentes. Um espaço florestal no centro da mata, afastado dos cursos de água, que favorece a uma aprendizagem tardia da habilidade do nado. Subentende-se que, na Amazônia, nadar é uma atividade quase inata aos habitantes, entretanto, a realidade é diferente. Para os moradores que cresceram afastados de rios, em espaços florestais onde a mata lhe faz companhia, é algo postergado. Tal situação se reflete nas condições psicossociais de Selma Xavier.

A filha de Dona Izaura e Seu Manoel confidenciou que tem medo de nadar. Mesmo com a habilidade do nado, ela não se sente segura e confortável ao adentrar nas águas de rios. Ela tem receios que algo aconteça. O medo prevalece. Circunstância diferente para Dona Izaura, onde a aprendizagem foi no começo da infância, quando o lago da Valéria costurava o cenário do seu ir e vir: “eu nadava daqui pra comunidade...Agora eu tenho medo de cair n’água pra nadar!” (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 02 de outubro de 2021). A juventude dava energia e destemor. A velhice trouxe receios e a lembrança saudosista das possi-

bilidades de poder atravessar a nado o lago da Valéria. Instigando as memórias da velha senhora, perguntamos como ela aprendeu a nadar e, sem titubear, nos diz: “Entrando no rio e dando jeito!” (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 02 de outubro de 2021). Para as gerações mais velhas, o processo da habilidade do nado foi natural, isto é, o habitante antes de dar os primeiros passos, já se habituava a nadar nas águas. Podemos dizer que o rio é um membro necessário para que o corpo humano amazônico viva em tão amplo ambiente; é o terceiro braço e a terceira perna. De modo distinto, acontece aos habitantes das cidades, que, quando podem, aprendem em piscinas, em aulas especializadas, ou nunca aprendem.

Esse retrato é um dos fatos que envolvem as gerações amazônicas. É entre os espaços habitados na Valéria, em Parintins/AM, que as condições da produção da vida de velhos e novos da família Xavier de Oliveira, se projetam de acordo com a acessibilidade proporcionada pela floresta que os envolve. São as histórias que as memórias guardam e são trazidas à tona pelas narrativas que, compreendemos como o ser humano se desenvolve nos espaços florestais, onde o tempo de Dona Izaura e Seu Manoel é distinto do tempo dos seus filhos e filhas. O que fora aprendido pelos mais velhos foi traduzido e adaptado, diferentemente, às novas gerações. A elaboração da condição humana na floresta é expressa diante do cenário das demandas (ausência ou presença) sentidas pela sociedade vivente.

O passado e o presente através das memórias

A Amazônia humana é um cenário de práticas que conectam o tempo - passado e o tempo - presente. As habilidades construídas para o bem viver nessas terras, são produzidas seguindo o ritmo de sobrevivência e de vivência ante os bens ambientais circundantes. Estas habilidades sofrem modificações de acor-

do com a realidade ecológica e cultural do tempo vivido. Logo, as práticas aprendidas no tempo da infância e juventude de Dona Izaura e Seu Manoel são distintas das gerações mais novas.

Nadar, mergulhar e brincar nas águas do lago da Valéria fazem parte da lembrança das gerações mais velhas. As memórias que elas exaltam remetem, segundo Le Goff (2013, p. 387), “a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. São as memórias que solidificam o entendimento sobre as condições humanas ao longo do tempo. Elas têm em si as mais diversas sensações e sentimentos, os mais variados cenários, atores e enredos. As memórias mantem vivas o imaginário social produzido por gerações. Nas memórias de Dona Izaura e Seu Manoel, se mostram um mundo em que o contato com a natureza era mais profundo e próspero, como a arte do nado ou do consumo direto das águas para saciar a sede.

A condição humana do tempo - passado tinha o rio como prolongamento de si, seja para atividades primárias seja para atividades rotineiras; era uma extensão mais efetiva do corpo. O rio fazia parte das condições sociais de existência dos moradores, entretanto, o avanço inconsequente, tanto na floresta quanto nos rios, causou alterações ecológicas que mudaram a qualidade ambiental dos cursos fluviais. Esse cenário preocupante foi discutido por Dutra e Higuchi (2018) quando, ao trabalhar com crianças na região amazônica, apresentam que o estado das águas está qualitativamente modificado, prejudicial, direta e indiretamente, à vida humana, devido às contaminações de diversos agentes. Uma infância impactada gera uma geração com vulnerabilidades tanto objetivas quanto subjetivas. Um contraste geracional que aponta para a ausência de práticas ecológicas tanto individual quanto coletiva. A infância na Amazônia, no século

XXI, tornou-se mais frágil, adaptando o estilo de vida às restrições ambientais. Essa realidade é percebida na Valéria, tanto pelos velhos quanto pelos novos.

A jornalista Paulina Chamorro (2021), em reportagem para o National Geographic⁶⁹, escreve que há contaminantes silenciosos nas águas do rio Amazonas e seus afluentes. É uma contaminação química oriunda de agrotóxicos, microplásticos, produtos farmacêuticos e outros agentes. Sobre a poluição das águas que circundam Valéria, Dona Izaura diz que, de um tempo recente, ela tornou-se imprópria: “Nós não toma mais a água do lago” (Em 17 de setembro de 2022), principalmente, a partir da implantação de uma empresa privada na região. Essa empresa ganhou a licitação para reestruturar a malha elétrica dessa parte do Médio Amazonas, para melhorar a qualidade energética das cidades próximas. Esse projeto é conhecido como Linhão de Tucuruí, que levará a energia produzida na Hidrelétrica de Tucuruí para as cidades à margem do rio Amazonas.

Olha, mana, agora essa empresa aqui do linhão, ela tá meio deixando, a modo, essa água aqui, modo, embranquenta... Banheiro de lá... Mas, agora até que esses dias tá parado o banheiro de lá, Gracy, lancha, lancha, lancha... Muita lancha que é capaz de alagar a gente... Eu quase já não saio, não deixo o Manoel sair... Um dia eu fui lá no Freyzer [neto], fui pro capim, porque fiquei com medo de me alagar, na nossa canoinha, é por isso que eu não gosto que ele vá pescar! (Dona Izaura Xavier de Oliveira, em 17 de setembro de 2022) [grifo nosso].

Essa metamorfose fluvial leva inúmeros problemas às famílias. Afastados de núcleos citadinos, elas estão sujeitas a doenças oriundas das águas contaminadas. Essa realidade invade o bem viver das pessoas, visto que a água é fonte da sobrevivência de qualquer ser vivo. Sem uma água qualitativamente própria para o consumo, as pessoas e os animais sofrem; há riscos reais para a vida bio-

69 Disponível em: < [Poluição invisível nas águas amazônicas ameaça populações e biodiversidade | National Geographic \(nationalgeographicbrasil.com\)](https://www.nationalgeographicbrasil.com.br/polui%C3%A7%C3%A3o-invis%C3%ADvel-nas-%C3%A1guas-amaz%C3%B4nicas-amea%C3%A7a-popula%C3%A7%C3%B5es-e-biodiversidade)> Acesso em: 11 nov. 2022.

lógica e todo o ecossistema é comprometido. Em muitos lugares da Amazônia, a vida aquática perece e agoniza na esperança de uma mudança deste cenário.

A contaminação das águas fluviais é um problema social que gera conflitos, mas, não é tratado com urgência pelo poder público. O governo, em todas as suas esferas de atuação, deveria dar prioridade, em suas políticas, ao enfrentamento dos diversos tipos de poluição fluvial. Outra situação relevante, é que não é somente o contato direto com a água que é prejudicado, mas, a insegurança na navegabilidade dos moradores, como narrou Dona Izaura.

O rio é a estrada fluvial recorrente dos povos das florestas. O ir e vir constante de transportes fluviais rápidos movimentam diuturnamente as águas, causando banzeiros fortes que não fazem parte do dia a dia. Vivendo num ambiente amazônico, os rios, lagos e lagoas tornam-se essenciais para o deslocamento. Pela idade de Dona Izaura e Seu Manoel, que moram sós, visitar outros lugares, na canoa, ficou prejudicado pelos riscos evidentes. As ondas no rio ficaram fortes e constantes. A canoa do velho casal fica, ultimamente, ancorada no terreno em que vivem, à espera de uma calmaria fluvial.

O rio possibilita a atividade da pesca, essencial à condição humana na floresta. Eminentemente da cultura indígena, a pesca é uma prática cultural dos povos ancestrais e está imersa nos saberes amazônicos. O peixe é o alimento principal das refeições das pessoas dessa parte da Amazônia. Têm os peixes lisos - os peixes sem escamas - e os peixes com escamas. Araújo (2003) contextualiza que a grande despensa das Amazônia é o rio, como viveiro de peixes saborosos. Para o autor, são águas pretas, claras e brancas dos rios da região que "ele arranca seu alimento predileto, como ser ictiógafo. À proa da montaria, em pé, ele sabe o que precisa comer, o que deseja comer e conhece onde está a espécie que o leva à pesca" (ARAÚJO, 2003, p. 268). Entretanto, o argumento de Araújo ex-

pressa uma realidade da década de 1950, quando a primeira edição de seu livro foi lançada. Hoje o cenário é alarmante.

Da fartura à carência do pescado. Esse é o retrato atual dos rios da Valéria. Na lembrança do ontem na realidade do presente, Dona Izaura narra que ocorreu uma mudança drástica na quantidade de peixes encontrados.

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Há uma grande dificuldade de peixes, que antes era muito farto esse lago, muito farto, muito... Aí eu acho que é devido também as pesca...

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Pesca dos moradores ou pesca de empresas?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Pesca daqui mesmo... Mas, mana, o pessoal põe malhadeira de arrasto aí na beirada... O pessoal daqui mesmo... De primeiro não tinha malhadeira, antigamente não... Só se pescava de flecha, caniço e tarrafa... Tarrafa só no verão... Aqui era muito farto... Jaraqui... Todo tipo de peixe, Gracy, tudo tipo de peixe... Nós quando nós ia pro centro com ele, nós pescava, era uma água clara, nós olhava assim, era peixe que parecia folha de a pé no fundo, uns peixe que a gente chamava baruca... Olhava assim, mana, traíra... O que dava pra ver... Agora nada, mas quando! (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 17 de setembro de 2022).

A pesca predatória, realizada pelos próprios moradores, prejudica a todos. A ganância das pessoas locais está inviabilizando o seu próprio povo de comer o alimento que é tradicional à mesa: o peixe. Antigamente, havia uma variedade de cardumes, todavia, a prática desenfreada está numa velocidade superior à sua recuperação. A perspectiva de lucro entrou na subjetividade dos moradores. A retórica capitalista não acontece só nos grandes centros, mas, em todos os espaços humanos. As consequências vêm à rebote. A qualidade da água é prejudicada assim como a acessibilidade dos alimentos torna-se mais restrita. As garras da cultura do capitalismo já estão, duramente, fincadas nas terras amazônicas: “esta nossa sociedade é uma sociedade de consumidores. E, como o resto do mundo visto e vivido pelos consumidores, a cultura também se transforma num

armazém de produtos destinados ao consumo” (BAUMAN, 2010, p. 33 – 34). Nesse mundo global, a sociedade do consumo está presente em qualquer agrupamento. O povo da Valéria é consumidor e consome. Todas as redes de convívio humano, longe ou próximo de florestas, abraçam as metamorfoses do mundo moderno. Como sociedade imersa numa rede comercial que vislumbra o lucro, a busca incessante por mais renda financeira, a Valéria é um recorte local do que acontece no mundo global. Sara Xavier, filha caçula do velho casal, expressa suas memórias, o contraste entre a fartura e a carência de pesca e caça.

Eu lembro que antes, na Valéria, a gente sempre falou que era um lugar muito farto, se não tinha peixe, tinha caça... Hoje quando a gente vai, a gente não encontra mais com facilidade peixe ou caça, hoje a gente encontra frango, né, frango comprado no mercado, antes, não... Eu lembro que antes em casa, o meu irmão ele ia caçar, ele vinha com vários bichinhos mortos... Cutia, paca, tatu, era muito farto... E hoje a gente não encontra mais isso! (Sara Xavier de Oliveira, em 08 de outubro de 2022).

A alimentação foi modificada. A qualidade dos alimentos ingeridos proporcionou mudanças na saúde do povo, como a de Seu Manoel, que adquiriu a diabetes mellitus, de tipo 2, quando já estava acima dos 70 anos. A facilidade de encontrar alimentos processados no comércio local, promoveu uma outra rotina alimentar aos moradores. A cultura alimentícia da região de influência indígena ainda é presente, todavia, o acesso à essa base alimentar está nas mãos do pequeno comerciante da Valéria, que os vendem por valores acima do mercado. O acesso a produtos processados e congelados, em estoque, foi facilitado pela compra de eletrodomésticos, proporcionados pela eletrificação rural recente.

Novas práticas comerciais foram instaladas na Amazônia do século XXI, quando uma nova alternativa energética chegou. A eletrificação rural promoveu alterações sociais e culturais na Valéria. É recente a condição humana envolvida

pela eletrificação rural. A luz chegou e trouxe novos arranjos, num contraste entre o passado e o presente. Durante gerações, os espaços de vivência foram somente iluminados, durante o dia, pelo sol e à noite, pelas estrelas, lamparinas, porongas⁷⁰ e velas. Nessa produção da vida humana entre as florestas, o povo confeccionava essas utilidades a partir de

um tubinho, por exemplo, aí tinha um morrão de pano, pano de rede, de algodão, metia pra lá, varava aqui, botava o querosene aqui na lata, aqui...Sacudia, mana, aí eu dizia ‘tu lembra, meu filho, que a gente fazia duas lamparinas que clareava uma casa?’... Aí a gente fazia tudo, hoje se não tiver 3 ou 4 bicos de luz, não faz mais nada... Eu fazia... Eu com eles... (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 17 de setembro de 2022).

Atualmente, a região está quase toda atendida pelo programa social “Luz Para Todos⁷¹”. Há dificuldades logísticas em atender todos os espaços florestais, o que gera atrasos na sua total implantação. Estudos realizados por Valmiene Sousa (2017) sobre o atendimento da empresa Eletrobrás Amazonas apresentam as dicotomias da eletrificação rural na Amazônia.

A empresa informou que as condições de portos e estradas dificultam a conclusão de obras previamente projetadas. A Distribuidora informou que o Amazonas representa o maior sistema térmico isolado do mundo, abrangendo uma área de aproximadamente 1,57 milhão de

⁷⁰ É uma luminária feita, geralmente, a partir de latas de óleo, como o querosene, seu combustível mais frequente.

⁷¹ Em 11 de novembro de 2003, por meio do Decreto Nº 4.873, foi instituído o Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Energia Elétrica, denominado Luz para Todos. As áreas beneficiadas abrangem: assentamentos rurais, comunidades indígenas, quilombolas e outras comunidades localizadas em reservas extrativistas ou em áreas de empreendimentos de geração ou transmissão de energia elétrica, escolas, postos de saúde e poços de água comunitários. Os beneficiários pagam uma “tarifa social” e os descontos podem variar entre 10% e 65%, de acordo com o consumo da família e sua renda *per capita*. Até 2018, o Governo Federal, através do Ministério de Minas e Energia, esclareceu que cerca de 90 mil metros já foram utilizados em obras pelo Brasil, sendo 58 mil metros só no Estado do Amazonas, os quais têm proporcionado melhora significativa nas condições de vida dos habitantes, permitindo a fixação no campo, o funcionamento de escolas no período noturno, a utilização de irrigação para agricultura, além da possibilidade de utilização de eletrodomésticos. Todavia, a empresa concessionária Amazonas Energia ressalta que a continuidade das ações para execução de obras para o período de 2021 / 2022 dependerá da liberação de recursos provenientes do Governo Federal.

Km², incluindo todos os municípios. Mesmo conhecendo a realidade do Estado, a concessionária disse que as dimensões continentais do Amazonas e a ausência de mão de obra local dificultam a logística, comprometendo o cumprimento dos cronogramas iniciais das obras. [...]. Além disso, nos últimos anos foram registrados fenômenos naturais extremos como cheias e secas dos rios, dificultando ainda mais essa logística. Esses fatores, somados à necessidade de aquisição de materiais em outros mercados e até no exterior, contribuíram para o atraso e a não conclusão das obras nos prazos contratuais (SOUSA, 2017, p. 142).

Com dificuldades, a eletrificação⁷² está em grande parte das áreas habitadas das florestas. Segundo levantamento do Ministério de Minas e Energia, em 2022, ainda há 219 mil famílias amazônicas sem pontos de eletricidade⁷³. A lâmpada e a poronga são utilitários utilizados para o acesso a algum tipo de energia superficial. Ao ter uma ampliação da energia elétrica, as pessoas terão também o reconhecimento audiovisual de outras condições socioculturais através da televisão, já que o rádio já fazia parte do dia a dia do morador.

Houve um discurso político de conta de energia elétrica mais barata que nas cidades. Empresas de telefonia móvel também foram incentivadas a instalar antenas que atendessem às pessoas nas matas à dentro. Celulares e computadores ligados à internet as tornaram globalizadas e atraídas por novas realidades. Essa possibilidade de ter acesso à internet, é falho, visto acontecer a interrupção energética, devido a inúmeros fatores, um deles acontece quando chuvas fortes caem sobre a região. Contudo, apesar das limitações, o fato é que a região está mais conectada ao mundo, do que a vinte anos, mesmo com as dificuldades inerentes ao território.

⁷² Em 2020, o governo federal criou uma versão específica para as populações remotas da Amazônia Legal, chamado 'Mais Luz para a Amazônia' (MLA). O prazo de conclusão estipulado foi 2022, todavia, não atendido. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/775872-prazo-de-conclusao-do-luz-para-todos-esta-mantido-afirmam-representantes-do-governo/>> Acesso em: 17 dez. 2021.

⁷³ Disponível em: <[tps://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/12/30/pais-paga-counta-para-levar-luz-e-esgoto-a-regiao-norte-por-que-nao-vinga.htm](https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/12/30/pais-paga-counta-para-levar-luz-e-esgoto-a-regiao-norte-por-que-nao-vinga.htm)> Acesso em: 06 jan. 2023.

Inseridos nesse mundo em constante mudança, tanto velhos quanto novos envolvem-se nessas novas dimensões sociais e culturais que as intervenções tecnológicas propagaram nas florestas, ressignificando e traduzindo em novas experiências a condição humana. Com a energia elétrica surgem praticidades no dia a dia, que podem potencializar a produção na agricultura, garantindo melhor uso dos recursos que cada região tem a sua disposição, assim como uma mudança na lógica dos serviços domésticos. Um exemplo é a casa de Dona Izaura e Seu Manoel, com eletrodomésticos que contribuem para a rotina: a geladeira para conservar os alimentos e a máquina de lavar para facilitar a lavagem das roupas, que auxiliam a otimização do tempo do velho casal.

Com a chegada da luz elétrica muita coisa mudou, ou melhor, “se fez uma nova luz, um novo caminho”, porém, trouxe consigo um cenário dissonante aos hábitos, aos costumes das pessoas da Valéria. O morador teve que se adaptar a uma rotina que não fazia parte de sua cultura. As pessoas se perceberam no meio de um turbilhão que foi gerado pela implantação da luz elétrica: “Num aspecto a luz elétrica mudou... Agora as consequências dela, ela nunca trouxe... Assim... Muita coisa favorável não...” (Seu Manoel Reis de Oliveira em 17 de setembro de 2022). Os efeitos da expansão elétrica não foram, totalmente, positivos, principalmente, na relação entre consumo energético e pagamento do valor atribuído, que é a questão levantada por Seu Manoel.

O alto valor do serviço de energia elétrica levou muitas famílias a não terem condições financeiras de efetivar o pagamento, causando a inadimplência. Não havia, dentro da dinâmica cultural da Valéria, a necessidade mensal de pagar a eletricidade, por isso, que, no aprofundamento desse impacto, que não é somente sociocultural, mas, econômico, Seu Manoel, trabalhador rural aposentado, discorre suas indagações.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: O que a luz elétrica não trouxe de favorável?

Seu Manoel Reis de Oliveira: Olha... Essa quantidade de numerado... Quanto é uma casa? 300, 250 reais... Ela foi taxada essa luz... Taxaram pra poder chegar pra cá... Então, hoje, se a gente tá recebendo uma cobrança muito forte... A gente tá estranhando isso aqui... Justamente, porque a gente não tem alguém, um representante pra chegar ali e dizer que está muito caro... Vamos negociar... Porque são eles que são as pessoas, então, dentro disso aqui que nós achamos... Nós temos uma freezer hoje, nós temos uma geladeira, liquidificador e umas coisas a mais, tudo a gente tem, mas, dentro disso aqui, isso já são os favores que a gente tem, que a gente precisou, que a gente tem... Mas, dentro disso aqui, a coisa maior que a gente sente são as cobranças, essa cobrança sai caro...

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Se não houver pagamento aqui, cortam a luz mesmo?

Seu Manoel Reis de Oliveira: Cortam...

Dona Izaura Xavier de Oliveira: A nossa já cortaram!

Seu Manoel Reis de Oliveira: Já fazem 2 anos que cortaram... Passamos 6 meses sem luz... Nós fomos lá, negociamos, não quiseram negociar com pouco dinheiro, porque deu 2.008,00 reais... Aí eu disse pra o rapaz ir negociar, vender um gado lá, 'Vai, rapaz, vende um gado lá e vai pagar esse troço, porque hoje estamos seguros na unha deles e ninguém pode sair!'... Aí, foi ele... Vendeu... E foi lá e negociou... Então, é por isso que ficou caro também aqui, era uma taxa bem resumida, aí ela cresceu, porque pagava o boleto e a multa... Então, hoje não, já parou tudo isso, porque já pagamos... Então, mas que benefício mesmo, olhando para um lado, ela trouxe, porque quando a luz vai embora a turma fica braba... Eu digo assim... Pra essa aqui, 'Minha velha, parte humana é assim, tem que verificar, você vê nas cidades grande, acontece isso'... De semanas... Tem que verificar, tem as pessoas que sabem, as organizações como é... Tem a parte humana, parte da natureza, tudo isso tem que saber, né... Então, muitas vezes, isso é parte humana... Pessoas desligou ou alguma coisa aconteceu... Fio... O certo é que alguma coisa aconteceu pra gente não ter a luz... Tem vezes que a gente vê... A gente sofre aqui, é só assim... Sofrimento é esse pagamento... (Em 17 de setembro de 2022).

O povo sente que a dinâmica econômica da eletricidade influencia em qualquer lugar. Com instalação recente, esse serviço básico entrou no rol das necessidades de pagamento mensal. Mesmo que haja interferências financeiras, ela se tornou parte da produção da vida entre as florestas, mesmo com falhas na distribuição. Dona Izaura comenta que as interrupções de energia elétrica são espa-

çadas. Às vezes, retorna no mesmo dia, porém, já aconteceu de voltar em até quinze dias. Quando acontece, algumas vezes, é preciso chamar a empresa de energia, que tem a sede em Parintins. A dificuldade da empresa é que os postes e os cabos elétricos estão entre as árvores, o que proporciona uma demora no restabelecimento da energia para as casas. Nessas situações, é preciso comprar gelo para conservar os alimentos perecíveis e materiais para confeccionar as lamparinas. Quando isso acontece, as memórias trazem à tona o saber florestal secular:

Com toda dificuldade que a gente tem de pagar, se não cortam a luz, aí eu converso com o Freyzer [neto], ‘Olha, meu filho’... Um dia faltou luz pra cá três dias sem energia, Gracy... Aí eu dizia, ‘Olha, Freyzer, lembra quando a gente fazia morrão de lamparina, de algodão, de pano de rede’... (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 17 de setembro de 2022)[grifo nosso].

É a memória dos velhos que possibilitam as novas gerações entenderem as dinâmicas de existência do tempo - passado. É essa memória que “alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro” (LE GOFF, 2013, p. 437), assim, sabemos como era o mundo sem eletrificação, quando os saberes ancestrais se faziam recorrentes na produção e condução da vida. As memórias de Dona Izaura trazem as condições de vida de um tempo longínquo, quando para iluminar as noites, a lamparina ou a poronga eram as alternativas aprendidas e que, em situações pontuais, retornam à prática. Esses conhecimentos mostram que a produção cultural é construída no tempo - espaço, que é ancestral, mas, também, atual ao tempo - presente. É uma ciência nativa produzida nas experiências de gerações. Nas memórias de um passado sem geladeira ou freezer, Dona Izaura narra uma sabedoria florestal, quando a terra e a mata dão as condições para que o alimento fosse conservado.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Como vocês faziam para guardar a comida antes da luz elétrica?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Só salgado... De hoje pra amanhã a gente já assava... Pra aproveitar já amanhã... Por exemplo, assava agora, almoçava, fazia uma fogueira... Mana, eu gostava muito de tirar a lenha, só o que tinha, não tinha gás.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Era qualquer madeira?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Qualquer madeira, mas, tinha duas que era a minha preferência, se eu pudesse só tirava aquela duas lenhas... Espeteiro é o nome dum, jacuíba o nome do outro pau.

Gracy Kelly Monteiro Dutra: Ainda as encontra com facilidade aqui?

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Encontra com facilidade... Eu tirava muita lenha, eu não ficava sem minha lenha... Hoje eu digo pro meu velho, 'Agora não dá mais não, agora é só com gás', mas, nós ainda usa carvão, nós compramos a nossa churrasqueira... Mas, por aqui é difícil... Antes a gente só salgava... Olha, quando a gente morava na comunidade de Genezaré, sabe como a gente salgava peixe? Nós salgava peixe, nós salgava quando era carne, a gente levava lá pro centro, a gente chegava lá, cavava um buraco na terra, Gracy, limpava bem, pegava uma folha de banana, forrava aquele buraco tudinho, bem forte, bem forradinho, aí colocava a carne... A carne ou o peixe... Colocava tudo bem arrumadinho, outra camada de folha por cima, bem forradinho, aí botava a terra, podia deixar e passar o tempo que quisesse... Não estragava, mas, era salgado, assim nós conservava... Quando a gente vinha de tarde, daí da nossa casa de cima, a gente abria, tirava um pedaço, já trazia cortado, todo lavado, ficava aí e era só fazer... Às vezes, conservava semanas a carne... (Em 17 de setembro de 2022).

Esse processo de conservação é datado desde os primeiros povos nativos. O imaginário construído mostra a capacidade criativa e inventiva ancestral desse povo, na arte de viver e sobreviver ante complexo território. Através da aprendizagem cultural, o imaginário social produz “um mundo ajustado as suas necessidades e aos seus conflitos” (BACZKO, 1985, p. 307-308). O imaginário é uma construção constante, como a floresta é um mundo de experiências, vivências e práticas, só quem vive nela sabe produzir as artimanhas para a existência humana. No passado, o buraco na terra, forrado com folhas de bananeira, protegia e conservava as carnes, uma expressão cultural que apresenta as peculiaridades dos saberes florestais e a adaptabilidade nos territórios. Hoje há o freezer ou a

geladeira para a conservação, com a necessidade do pagamento mensal à estatal. O mundo tecnológico adentra as florestas.

A Organização das Nações Unidas - ONU estabeleceu como um dos dezessete objetivos de Desenvolvimento Sustentável⁷⁴ no Brasil até 2030, assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível para todas e todos, principalmente, nas regiões mais afastadas de grandes centros. Ampliar a eletrificação, não é só proporcionar a luz elétrica em cada casa, é necessário possibilitar a qualidade do serviço, visto que, nem tudo virou flores com a chegada da energia.

O cenário em fragilidade energética, no território amazônico, acontece devido o aspecto geográfico não ser atendido, satisfatoriamente, na elaboração das políticas de acesso à energia elétrica. Os rios e as matas são elementos que devem ser detalhados minuciosamente porque é a natureza é quem dita a dinâmica no lugar. A vida na Valéria não está alheia às condicionantes do mundo moderno. São essas condições de vida que direcionam o tempo presente no território.

Memórias de uma floresta pujante

No tempo de infância dos filhos de Dona Izaura e Seu Manoel, a floresta ainda apresentava uma grande cobertura. As espécies arbóreas eram conhecidas por todos. O desflorestamento acontecia, mas não de forma descontrolada e inconsequente, como nas primeiras décadas do século XXI. No passado, as crianças da Valéria aprendiam os tipos das árvores e ervas, as famílias eram mais protegidas do mundo externo e viviam num ambiente com conforto térmico. Na

⁷⁴ São um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima, garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade. Disponível em: < <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>> Acesso em: 20 dez. 2021.

atualidade, o avanço sobre a natureza, modificou as aprendizagens sociais da região.

Se você perguntar hoje na Valéria pra alguma criança se ela conhece alguma madeira de lei, ela não vai saber por que a maioria das madeiras de lei hoje, talvez, ainda se encontrem, não sei ainda... Vou conversar com o papai mais sobre isso... A maioria não tem mais próxima das comunidades e antes era algo que a gente tinha próximo, a gente conhecia itaúba, uma maracatiara, essas plantas que, antes a gente tinha muito próximo das nossas casas ali, em qualquer lugar que a gente fosse a gente encontrava e hoje a gente não tem mais! Então, eu acredito que esse desmatamento, ele vem também tirando das crianças do interior, delas conhecerem a nossa floresta, essas nossas riquezas que a gente tem aí, que a gente não tem mais! (Sara Xavier de Oliveira, em 08 de outubro de 2022).

O desconhecimento sobre a qualidade da natureza fragiliza o imaginário social e ecológico da nova geração. O psicólogo estadunidense Peter Khan et al. (2009) teoriza que é a infância que dá o parâmetro de normalidade ao cotidiano. Se a cada geração o mundo vivenciado na infância é mais degradado ou sofre perdas irreversíveis de seres ambientais, cada geração tende a achar normal as condições culturais e ecológicas que vive. Para Khan et al. (2009) isso é característico da amnésia ambiental geracional. A nova geração da Amazônia é um retrato daquilo que o próprio ser humano proporcionou a si e aos outros. A narrativa de Sara Xavier, mostra a grave problemática existente na Região Amazônica. A natureza não é mais conhecida na sua mais genuína grandeza. A filha caçula de Dona Izaura e Seu Manoel reflete sobre as condições da Valéria, passado e presente, apresentando um conhecimento, ao mesmo tempo simples e complexo que, diante daquilo que está explícito ecologicamente, estrutura a relação do ambiente consigo, com os outros e sobre o estado social e cultural do mundo.

Sara Xavier reconhece aquilo que está ou esteve presente por milhares de anos em solo amazônico. Hoje a natureza está asseverada pelo desflorestamento

e pelas queimadas, que trazem para o imaginário das pessoas, adaptações dos saberes e das práticas na elaboração do tempo - presente. Ao perceber que a condição humana permeia um imaginário social em constante elaboração, as memórias individuais e coletivas desempenham a cada geração, o papel indispensável que aproxima aquilo que não vemos, mas, que sabemos que existiu e permanece tão próximo, mas, que é atingido pelas amarras objetivas e subjetivas que circundam a contemporaneidade. É esta memória essencial que possibilita o reconhecimento de mundos que não vivenciamos mais. Ao considerar que o entendimento humano acontece através da vivência, do momento histórico e costumes, a produção da vida está, no território amazônico, num processo gradativo de perda tanto ecológica quanto cultural.

As memórias de Dona Izaura e Seu Manoel sobre Floresta Amazônica apresentam, de forma alarmante, que: “O mato acabou, mana” (Dona Izaura Xavier de Oliveira em 17 de setembro de 2022). A compreensão desse cenário é constatada tanto pelos habitantes da Amazônia quanto por institutos ambientais, como o INPE e IMAZON. O IMAZON destaca que entre 2021 e 2022, o desflorestamento amazônico somou 21.257 Km², quase o tamanho do Estado de Sergipe. Para 2023, o Instituto calcula, através da plataforma de inteligência artificial PrevisIA⁷⁵, que poderá alcançar uma perda florestal de 11.805 Km², o tamanho de quase 10 cidades do Rio de Janeiro⁷⁶. Este cálculo, foi confirmado quando o Instituto apresentou os dados referentes ao primeiro trimestre de 2023, que alcançou o segundo maior recorde de área desflorestada em dezesseis anos. A área destruída foi de 867 Km², equivalente a mil campos de futebol por dia de área

⁷⁵ É uma ferramenta que indica quais áreas em toda a Amazônia sob o maior risco de desflorestamento. Disponível em: < [PrevisIA - PlenaMata](#)> Acesso em: 10 fev. 2023.

⁷⁶ Disponível em: < [Desmatamento na Amazônia em 2023 pode passar dos 11 mil km² se seguir o ritmo atual, estima PrevisIA - Imazon](#)> Acesso em: 10 fev. 2023.

nativa. O Estado mais desflorestado foi o Amazonas⁷⁷. A realidade se tornou nefasta. É preciso uma ação urgente para enfrentar os devastadores, sejam eles quem forem. A questão ambiental precisa ser abraçada e deve haver uma atuação imediata.

Emílio Morán, entre as décadas de 1980 e 1990, discutia sobre os impactos sociais, culturais e ambientais dos agravantes da destruição da Floresta Amazônica sobre a vida de todos os seres. Os argumentos de Morán alertavam sobre a gravidade do desflorestamento em escala devastadora que, naquelas décadas, já preocupava, e que nas primeiras décadas do século XXI, evidencia a ineficiência dos congressistas e das políticas governamentais, que não assumiram o papel de salvaguardar a natureza da região. O desflorestamento só aumentou com o passar do tempo e, nas palavras de Genebaldo Freire Dias (2016, p. 22): “A destruição das florestas é uma das maiores demonstrações da inconsistência humana e uma das mais graves alterações que se impõe à Terra, através dos tempos”. Numa obra publicada em 2008, Morán intensifica os questionamentos, argumentando que, no novo século, as pessoas, mesmo inseridas numa sociedade intensiva de conhecimento, não se atentaram à tensão ecológica que é a perda da cobertura florestal amazônica, a qual gera alterações subjetivas e objetivas nas vidas nela inseridas. O autor historiciza a escala de desflorestamento desde o fim da década de 1980, apontando para os estragos que foram - e são - feitos pela ganância de grupos minoritários, asseverado pela leniência e conchavos de grupos políticos dominantes.

Na Amazônia brasileira, as taxas de desmatamento alcançaram um pico inicial em 1987, seguido por um declínio expressivo, depois de um aumento que chegou ao auge em 1995. A queda no final da década

77 Disponível em: < [Desmatamento no Amazonas cresce 767% em março 2023, em comparação com mesmo período no ano passado - Portal Em Tempo](#)> Acesso em: 28 abr. 2023.

de 1980 não resultou, como pensam algumas pessoas, da conservação mais efetiva ou de um conjunto mais efetivo de políticas, e revelou-se temporária. Ela foi resultado da hiperinflação e de um grave déficit creditício no Brasil. Em 1994, depois da introdução de uma nova moeda e do controle efetivo da inflação, a taxa de desmatamento ultrapassou o primeiro pico de 1987, ocasionando sérias preocupações. O segundo pico da taxa de desmatamento pode provavelmente ser justificado pela omissão das taxas de desmatamento entre 1988 e 1993, e pelas oportunidades oferecidas pela estabilização econômica. Em dois anos, na bacia amazônica, as taxas de desmatamento voltaram às taxas mais usuais de cerca de 0,5% ao ano e, nas áreas de assentamentos, as taxas continuaram consideravelmente altas, isto é, acima de 1% ano (MORÁN, 2008, p. 130 - 131).

As árvores derrubadas, alteraram o conforto térmico da região e a forma de vivência dos moradores: “eu acredito que todas as vezes que a modernidade chega em um lugar, ela não traz só coisas boas, temos um efeito rebote e o desmatamento, as grandes queimadas é uma delas...” (Sara Xavier de Oliveira em 08 de outubro de 2022). As transformações trazidas tanto por projetos públicos quanto da iniciativa privada, no âmbito de levar aos rincões amazônicos as características de uma “modernidade”, nos moldes do paradigma ocidental, para Sara Xavier, asseverou situações-problemas, não somente na Valéria, mas, em todos os espaços atingidos por uma ação intensiva de grupos econômicos específicos.

Sem a grande cobertura florestal, Dona Izaura diz que o calor piorou com o tempo, uma característica do desflorestamento frequente. Sem a floresta, toda uma dinâmica cultural se transforma. A gestão da vida caminha a outros rumos, à outras experiências, percepções e sensações. Efetivamente, estamos vivendo numa crise florestal que nos leva a questionar o imaginário social implantado diante dos saberes florestais. A memória das pessoas promove uma narrativa entre tempo - passado e o tempo - presente, onde a formulação da condição humana na Valéria está num “antes” e num “depois”, em virtude de a memória ser “um

elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2013, p.435) [grifo do autor]. Para Sara Xavier, é preciso que o povo entenda que a natureza é um ser ambiental finito.

Eu acredito que o desmatamento, ele traz enes problemas ecológicos, principalmente... Todo esse desmatamento, a chegada das tecnologias, a chegada do avanço... Ela causa impacto ambiental que... Eu acredito assim... Que é muito difícil a gente conseguir reeducar o povo ou colocar neles essa... Essa importância da preservação, né, da conservação do lago... O período de conservação que nós trabalhamos na Valéria que foi o mais visível, que foi o Pé de Pincha, que era um trabalho com conservação de quelônios, então, era muito difícil colocar na cabeça das pessoas que nós precisamos preservar para o futuro, então, às vezes, as pessoas... ‘Ah! Isso nunca vai acabar!’... É um pensamento que se conserva com as pessoas do interior ... ‘Ah! Há muito tempo as pessoas dizem que isso vai acabar e eu não vejo!’... Se tu fizer uma pesquisa com todos, os tracajá que você pega lá, eles tem a marca do projeto, ou seja, se a gente não tivesse devolvido há 10, 8 ou 9 anos atrás esses bichinhos pra natureza, nós... Se hoje já tá difícil pegar um tracajá na Valéria, estaria bem mais difícil, né, então é preciso ter sim, um projeto de conservação é... Eu acredito que já teria que ter colocado o reflorestamento, né, principalmente dessas madeiras de lei que hoje é muito difícil da gente encontrar! (Sara Xavier de Oliveira, em 08 de outubro de 2022).

A filha de Dona Izaura e Seu Manoel tem um conhecimento vívido e prático sobre as possibilidades das articulações coletivas em prol à conservação da natureza. Há, no seu imaginário social, uma concepção de mundo, traduzida através das práticas e narrativas de seus pais. Existe um vínculo à terra, uma memória a ela vinculada herdada da vida ainda crescida entre as florestas, tornando-se sujeitos ativos e políticos na construção da vida florestal. A ação humana proporciona uma prática de vida, uma condição de existência, que tem a terra como seu instrumento de luta e para Montysuma (2018, p. 48), “esses su-

jeitos políticos forjados nessas circunstâncias, edificam sua ética na relação com o espaço em que interagem cotidianamente”. E é por intermédio da memória dessa floresta que precisamos, no hoje, lutar por sua conservação, porque sem ela, de igual modo, os sons das árvores e dos seres a ela interligados desaparecem.

Seu Manoel Reis de Oliveira: No tempo que eu tô vivendo, já tô com 80 anos... Essa Curupira eu já ouvi barulho, o velho dizia ‘Olha, essa é Curupira’, batia no pau... Pei, pei, pei... E quando não gritava para dentro do mato... Isso aqui eu sempre via... Já era rapazote... Escutava... Mas, olha, de um certo tempo eu nunca mais ouvi... Esse som não ouvi mais...

Dona Izaura Xavier de Oliveira: Mana, naquele terreno que era do meu tio, mana, das quatro horas pras cinco, era um grito pra todas as quinze banda da mata, grito igual de gente... Aí dizia ‘Credo, mas que grito de gente é esse?’ ‘Não é de gente não, é o Curupira!’ ...Úúúúúúúúúú...Mana, gritava era pra todo lado, lá no centro... Depois que o mato acabou, como é que vai ficar gritando? Mana, a floresta não ficou quase nada para os homens... (Em 17 de setembro de 2022).

A floresta agoniza. O grito silenciou. O som do Curupira não foi mais ouvido pelas florestas da Valéria. O Curupira, sem a presença das florestas, logrou insucessos, maus agouros e trouxe má sorte e infelicidade para o povo florestal. A panema se instalou nos espaços florestais. A ação do Curupira mostrava que a floresta estava forte, sem ela, não havia forças que o fizesse manter-se frequente nas matas. Sem a energia das árvores, o curumim de cabelo vermelho desapareceu. E a floresta acompanha esse descompasso.

A floresta, num tempo-passado, era celebrada pela pujança e grande fartura. Atualmente, a luta é para que ainda a mantenha viva, para que a história das florestas não seja apenas reconhecida por imagens ou narrativas, num sentimento de que “já existiu, hoje não mais”. Entretanto, deve ser uma luta coletiva e colaborativa - a ação não é para pessoas solitárias. A luta pelos seres ambientais

gera conflitos e, em parte dos casos, a consequência é a morte a mando de alguém. Todavia, percebemos que o uso exploratório e indevido não é somente de grupos externos à região, mas, de pessoas locais que extrapolam os limites da natureza. É preciso reeducar, ecologicamente, o povo circundante das florestas.

A Constituição Federal, no artigo 225, determina que todos têm direito a um ambiente sadio e equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. No entanto, não é isso que se sustenta na Valéria. A natureza está vulnerável e com ela os seres humanos e animais. As pessoas são, simultaneamente, natureza e cultura, quando um pilar está em fragilidade, o outro não se firma. Se a natureza é tratada como objeto de consumo desenfreado, o ser humano também o é. As vidas sucumbem a olhos nus e há uma apatia em intervir nesse processo.

Considerações finais

A Amazônia da Valéria é uma parte da Amazônia recolhida no território de Parintins, no Amazonas, num cá e lá entre o mundo de saberes ancestrais e o mundo do tempo - presente, moderno e globalizado. As aprendizagens da vida entre as florestas estão nas histórias e memórias contadas pelos territórios humanos amazônicos, aqui representadas pelas narrativas geracionais de alguns membros da família Xavier de Oliveira. As memórias dos velhos, dona Izaura e seu Manoel, e de novos, Selma e Sara, mostram a condição humana determinada a cada geração, proporcionadas pela vida global do século XXI, que têm aspectos tanto positivos quanto negativos.

Em poucas décadas, a natureza real ou imaginária/sobrenatural acompanhou o célere e dissonante padrão dos novos tempos. E nesse caminho, a floresta sentiu, severamente, os avanços antrópicos. O calor quase sufocante mostra que

a cobertura vegetal está diminuindo, daí a grande mobilização global em manter a floresta em pé e diminuir o desflorestamento e as queimadas desenfreadas. No silêncio ensurdecedor da mata, os espíritos da floresta também perderam a sua força, a sua imponência. Todo o tipo de vida agoniza.

Feitas essas considerações, as memórias e histórias podem ser saudosistas e as análises alarmistas, mas, para quem é da Amazônia e vive nela, sabe o que percebe e sente ao estar inserido na floresta. A Amazônia tem pessoas a ela vinculadas, que dão significado à natureza circundante. Com o avanço de intervenções externas à condição humana e diante do desflorestamento frequente e abrupto, o povo vai perdendo elementos seculares, traduzindo uma nova condição de vida. A nova geração não cria habilidades que, até um tempo - passado eram inatas. Perante os impactos sociais e ecológicos, todas as qualidades de natureza sofreram alterações. Ademais, a Amazônia está entrando num fosso profundo, onde, partes dela, não poderá jamais sair. O cenário é preocupante. É preciso alarmar a todos, para que a potência que há nessa natureza, seja, de fato, vislumbrada como necessária para o clima do mundo e, principalmente, para as vidas que dela dependem.

Referências

ARAÚJO, André Vidal de. Introdução à Sociologia da Amazônia. 2.ed. Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.

BACZKO, Bronislaw. A Imaginação Social. In: LEACH, Edmund et al. *Anthropos - Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. Capitalismo Parasitário: e outros temas contemporâneos. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

CHAMORRO, Paulina. Poluição invisível nas águas amazônicas ameaça população e biodiversidade. Disponível em: <Poluição invisível nas águas amazônicas ameaça populações e biodiversidade | National Geographic (nationalgeographicbrasil.com)> Acesso em: 11 nov. 2022.

DESMATAMENTO na Amazônia em 2023 pode passar dos 11 mil km² se seguir o ritmo atual, estima PrevisIA. Disponível em: < Desmatamento na Amazônia em 2023 pode passar dos 11 mil km² se seguir o ritmo atual, estima PrevisIA - Imazon> Acesso em: 10 fev. 2023.

DESMATAMENTO no Amazonas cresce 767% em março de 2023, em comparação com mesmo período do ano passado. Disponível em: < Desmatamento no Amazonas cresce 767% em março 2023, em comparação com mesmo período no ano passado - Portal Em Tempo> Acesso em: 28 abr. 2023.

DIAS, Genebaldo Freire. Antropoceno: iniciação à temática ambiental. 2. ed. São Paulo: Editora Gaia, 2016.

DUTRA, Gracy Kelly Monteiro; HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto. Percepções ambientais de crianças que vivem em espaços degradados da Amazônia. Ambiente e Sociedade, São Paulo, n. 21, 2018.

FADDUL, Juliana. Solução para levar luz e rede de esgoto à Amazônia está na própria floresta. Disponível em: < <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/>

2022/12/30/pais-paga-conta-para-levar-luz-e-esgoto-a-regiao-norte-por-que-nao-vinga.htm> Acesso em: 06 jan. 2023.

FISCHER, Gustave. *Psicologia Social do Ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

KHAN JR, Peter H.; SEVERSON, Rachel L.; RUCKERT, Jolina H. The Human Relation with nature and technological nature. *A jourof the association for psychological Science*. Vol. 18, num. 1, 2009.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução: Bernardo Leitão... [et al.]. 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

MONTYSUMA, Marcos. *Memória da terra - Memória da Floresta*. In: BROCARDI, Daniele; DEBIASE, Rose Elke; ORBEN Tiago Arcanjo (Orgs). *Terra e Memórias: vivências, conflitos e conquistas no(s) rural(is) do Brasil*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

MORÁN, Emílio. *Nós e a natureza: uma introdução às relações homem - ambiente*. Tradução: Carlos Szlak. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

OS objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>> Acesso em: 20 dez. 2021.

PRAZO de conclusão do “Luz para Todos” está mantido, afirmam representantes do governo. Disponível em: < Prazo de conclusão do 'Luz para Todos' está

mantido, afirmam representantes do governo - Notícias - Portal da Câmara dos Deputados (camara.leg.br)> Acesso em: Acesso em: 17 dez. 2021.

PREVISIA. Disponível em: < PrevisIA - PlenaMata> Acesso em: 10 fev. 2023.

SOUSA, Valmiene Florindo Farias. Eletrificação rural no Baixo Amazonas: da concepção da política às mudanças nas condições de vida dos idosos impactados pelo Programa Luz para Todos. 2017. 254 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas), Curso de Pós Graduação em Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2017.